

A INVISIBILIDADE SOCIAL E EDUCATIVA DO JOVEM COM SÍNDROME DE DOWN

ROBERLÂNIA PAULINO DE MOURA¹; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL²

¹*Universidade Federal de Pelotas – moura.roberlania@gmail.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas – gilsenira_rangel@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido nas últimas décadas sobre a melhor maneira de se trabalhar com uma turma inclusiva, quais as dificuldades, benefícios e, principalmente, de que maneira o profissional deve se capacitar e agir em sala de aula. A inclusão cumpre a sua função em toda sala de aula ou as crianças são apenas mais um número nos índices de escolas inclusivas onde não sabemos se elas sentem de fato que são autônomas e ativas no seu próprio processo de aprendizagem no contexto escolar.

Por este e outros motivos, este trabalho teve por objetivo dar voz a quem conhece a inclusão e todos os fatores que a envolvem constantemente. Procurou-se então investigar as experiências escolares de jovens com Síndrome de Down, sua perspectiva, seu olhar sobre as próprias experiências, identificando seu reconhecimento ou invisibilidade em sala de aula. Invisibilidade esta onde o jovem é visto apenas em sua presença física, mas não compreendido em seu contexto subjetivo e social. O aluno está ali apenas para que a escola cumpra um compromisso aparente com leis, pais e comunidade, sem que se pense o processo de inclusão em sua totalidade, onde este aluno, assim como os demais, é um cidadão de direitos e deveres também na escola, devendo ser cobrado, orientado e conduzido para que seja capaz de atuar consciente e ativamente na sociedade, dentro de suas capacidades. O processo de invisibilidade do aluno com Síndrome de Down em sala de aula ignora totalmente a subjetividade e os direitos a que este sujeito tem direito, levando-se em consideração apenas a sua presença física, como se este fator cumprisse todas as obrigações mediante a constituição que tanto defende o cidadão com deficiência. Desta forma, destaca-se neste trabalho o aspecto da invisibilidade educativa e social no convívio escolar das entrevistadas. A escassez de pesquisas que tratem da invisibilidade da pessoa com síndrome de Down a partir da sua perspectiva, bem como sobre a relação estabelecida entre os colegas em sala de aula foi um dos fatores que dificultaram e motivaram a pesquisadora ao mesmo tempo. Apesar de compreendermos aqui que a ação do professor em sala de aula se torna crucial para que o processo de inclusão se torne completo e dinâmico, neste trabalho ressalta-se que mesmo com iniciativas positivas de professores, o aluno com Síndrome de Down se torna invisível em muitos momentos, não somente em sala de aula, mas em seu relacionamento com os colegas fora dela também.

2. METODOLOGIA

Com abordagem qualitativa, esta pesquisa teve como público alvo duas jovens com Síndrome de Down que estudam no ensino regular, em uma escola particular do município de Pelotas. A coleta de dados aconteceu por meio de entrevista semiestrutura, registradas com gravador e transcritas posteriormente para análise qualitativa. A análise de dados é baseada no processo de categorização do *estabelecimento de relações* de Moraes (2003). A entrevista tinha como proposta um questionário com cerca de 20 perguntas que não foram consideradas prontas ou definitivas devido a sua necessidade de reformulação no decorrer da aplicação do instrumento caso houvesse necessidade tanto por parte da entrevistadora como das entrevistadas. Para este trabalho foram selecionadas as perguntas que se referiam ao relacionamento das jovens com seus colegas fora da sala de aula, no âmbito social, assim como a escolha de grupos para trabalhos no ambiente escolar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise dos dados coletados, ambas as jovens demonstraram ser invisíveis tanto no social quanto educacionalmente em aspectos e níveis diferentes no decorrer da entrevista. Na primeira entrevista a informante relata que sua professora é quem escolhe os grupos de trabalho, assim como a segunda, que aqui chamaremos de (L) e (J), entretanto, a diferença se dá a partir do momento em que a informante (L) sempre faz os trabalhos com os mesmos colegas, ou seja, permanece no mesmo grupo, com exceção de um único trabalho, enquanto que a (J) relata que sempre muda de grupo e que já trabalhou com todos os colegas da sala. São duas formas permanentes de intervenções dos professores em relação a trabalhos em grupos envolvendo ambas e que apresentam estruturas diferenciadas. Aqui observamos que a mediação do professor foi crucial para que se possibilitasse a ação destes sujeitos entre seus pares e, desta forma, proporcionar, ou não, a socialização e aprendizagem simultaneamente. Segundo Smeha e Seminotti (2008, p. 79), a força do discurso do professor é um fator essencial e que exerce grande influência nas interações entre os alunos. Desta forma, observa-se aqui que a ação diferenciada de cada professor colaborou, em maior ou menor grau, para a relação, aprendizagem e interação dos alunos. Este mesmo sujeito com Síndrome de Down que tem seus direitos defendidos por meio de documentos e leis de âmbito internacional tem aqui, através da mediação do professor, a possibilidade de participar, ou não, da construção do seu próprio conhecimento, socialização e direito à cidadania, podendo passar de mero espectador para um ser ativo e participativo de seu processo de aprendizagem.

Quando perguntadas sobre qual o lugar que elas mais gostam na escola as duas alegaram ser a biblioteca, entretanto, (J) frequenta este lugar apenas nos horários livres e (L) usa como rota de fuga eventualmente nos horários de aulas, em mais de um momento ela usa o termo *fugir* para se referir a esta ação. Mais uma vez as entrevistadas apresentam resultados diferentes estando na mesma escola e gostando do mesmo lugar neste ambiente. Ao ser ignorada em sala de aula, exemplificando sua fala ao dizer que dorme no período de algumas aulas e que somente é chamada por colegas quando o sinal do

recreio toca, a aluna (L) usa a biblioteca como rota de fuga, diferentemente da aluna (J) que utiliza o mesmo ambiente nos horários livres. Após a análise destas respostas, apenas uma delas parece ser invisível pedagogicamente para alguns professores, a outra é notoriamente incluída nas mais variadas formas de trabalhos entre os colegas de turma.

Até este momento as duas apresentaram resultados diferentes quanto à socialização dentro do ambiente escolar, entretanto, quando as perguntas se referiram à socialização ou mesmo aos trabalhos em grupos fora da sala de aula, o resultado muda. A informante (J) alega que já convidou seus colegas para irem a sua casa com o intuito de fazer trabalhos, mas que isso nunca aconteceu, pois segundo ela “*eles não acham a minha casa, eles nunca acham a minha casa*”. Em seguida, ela reforça que sempre os convida, mas o resultado é o mesmo: “*eu convido eles, mas eles nunca acham a minha casa*”. A casa da informante (J) fica a uma esquina de umas das avenidas principais da cidade, motivo pelo qual tornaria mais fácil a localização da mesma e não o oposto. Ainda no âmbito social, a informante (L) quando perguntada se já foi no aniversário de seus colegas ela responde que não, “*estou esperando eles me convidarem*”, esperando eles convidarem mesmo estudando há alguns anos com os mesmos alunos. Entretanto, quando a pergunta é se ela já os convidou para o seu aniversário que ainda é em setembro ela imediatamente responde que já convidou a todos, e que já disse tudo o que haverá em sua festa.

Apresentando resultado oposto ao identificado em sala de aula, aqui se observa que a socialização fora da escola, ainda que referida a trabalhos de sala de aula ou a festas e relacionamento apenas social, as duas apresentam semelhanças quanto à invisibilidade que envolve o indivíduo com Síndrome de Down.

4. CONCLUSÃO

A invisibilidade evidenciada em suas respostas, tanto em relação ao ambiente escolar, quanto em seus relacionamentos com os colegas fora da sala de aula não estão fora deste processo, ao contrário, fazem parte do conjunto de fatores que problematizam e se complementam pensando inclusão. A mediação dos educadores foi determinante em alguns momentos, evidenciando o quanto a intervenção adequada e atenta diferencia-se de um educador para o outro. Levando-se em consideração que esta é uma pesquisa inicial e que existem diversos fatores que podem influenciar na análise das entrevistas de jovens com Síndrome de Down, nesta pesquisa evidenciou-se que os elementos sociais e educacionais que envolvem estas alunas são cruciais para que se compreenda o processo de inclusão escolar como um todo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORAES, Roque. Uma tempestade de Luz: A compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Ciência & Educação, v.9, n.2, p. 191-211, 2003.

SMEHA, Luciane Najar; SEMIOTTI, Nedio. Inclusão e Síndrome de Down: Um estudo das relações interpessoais entre colegas de escola. Psicol. Argum, 2008 jan./mar., 26 (52), 73-83.